

Brinquedo Quebrado

Barb. Fratis

No início, o medo não a perturbava tanto. Não mais que uma menina poucos anos antes. Brincando na caixa de areia do parquinho fora da escola, viu estacionar o carro do pai e entrou.

A casa nova era cheia de brinquedos e jamais a menina poderia expressar toda a gratidão contida no peito. Abraçava o pai, ria, pulava corda, brincava com as diversas bonecas princesas e sufocava os bichinhos de pelúcia.

Cedo ou tarde os brinquedos desgastariam; muito timidamente ela desejou novos ao pai. Este, bondoso, com um perene sorriso terno, por sua vez, na tarde seguinte chegou com alguns amigos em casa, todos carregando diversos embrulhos. Ao tentar violar uma das embalagens, a garotinha recebeu um beliscão no braço, repreendendo-a o pai argumentou o alto preço dos presentes e que, desta forma, a pequena precisaria merecê-los.

Ela gostava de brincar com brinquedos, logo, deveria aprender a brincar com outras pessoas que também apreciavam brinquedos.

O decorrer do tempo foi lento e durante dias, semanas, meses e anos seguintes, ela brincou com tantas pessoas quanto gostaria, porém, cada vez menos presenteada era e, enfim, a época dos presentes pareceu e sua única opção era brincar com os amigos do pai, estes de certo modo eram igualmente seus amigos, ela acreditava; e, embora não nutrisse grande interesse por estes, o bolo de folhas azuis entregues ao pai pelos amigos, após as tardes de brincadeiras, sempre a

intrigou, pois, nunca lhe fora permitido toca-lo, assim como fazer qualquer coisa divertida além do quarto fedendo mofo.

O âmbito degradado resultava em constantes estados indispostos. Como castigo, era impelida a limpar os banheiros dos quartos das outras muitas irmãs, as quais viravam o rosto e nem sequer interrompiam as próprias atividades recreativas na presença da mais nova.

Numa noite comum, o corpo em pleno desenvolvimento, havia se recomposto menos de dois dias e o pai, parado na soleira da porta, anunciou a presença de um novo amigo extremamente especial, de maneira merecer ser tratado com respeito e carinho.

Esboçou um sorriso em resposta ao pedido do querido pai — certo que dispusesse de eventuais reservas rigorosas, entretanto, continuava sendo a sua pessoa favorita em todo mundo, mesmo que o mundo para ela terminasse no fim de um corredor repleto de quartos.

O rapaz que ali entrou provavelmente possuía a mesma idade que a sua. A beleza dele a encantou de imediato e a apreensão do rosto e serenidade dos olhos deixava às vistas sua índole totalmente distinta dos demais homens frequentadores do recinto.

– Quem é você? — perguntou

– Gean, e você?

Surpresa com a pergunta que nunca nenhum homem a fez, pensou durante longos instantes, buscando o que estava perdido dentro da mente

– Laura. É amigo do meu pai?

Foi preciso Laura guia-lo para a cama, Gean mantinha o corpo ereto e recluso e não conseguiria sozinho dar um passo sequer.

– Não. O meu pai, sim.

– Então você será o meu novo amigo!

Outrora Gean jamais recebera tão cativante sorriso, branco estimulado pelo emaranhado de cabelos negros. Uma jovem adorável que contribuiu para o coração acelerado e a falta de jeito a principio.

– Você não é muito nova, digo, para isto?

– Isto o que?

– O que vamos fazer — procurava escolher cautelosamente as palavras, não queria ofende-la, mas, era inútil, a menina de nada sabia, o que não impossibilitou o que seguiu, muito menos o sentimento cultivado na cama de lençóis aos trapos

Abraçados, ambos nus, Gean fez juras de retornar e resgatar Laura dali, viveriam juntos e ela pertenceria a seu coração e ele ao dela.

O que não se concretizou.

Quando acordou, Laura tinha um ursinho de pelúcia pousado no travesseiro e, pela primeira vez, não o queria.

Dois anos adiante. Os tormentos se agravaram como mofo crescendo pelas quatro paredes, nas das quais em determinado canto Laura permanecia escorada, inerte, afagando o urso estofado de algodão, ganho naquela noite que tanto vagueava por sua memória.

Uma lembrança vivida e dolorosa. Embora Gean não houvesse cumprido a promessa, ela o aguardava, deteriorando a si mesma com uma tola ilusão.

A comida perdera o sabor; os brinquedos, o encanto. A verdade veio a tona em relação às "brincadeiras", amigos e irmãs. Vivia presa numa relação empresarial desgastada e desgostosa, como haveria de ter sido antes caso sua ingenuidade e pouca idade não a houvessem impedido na época.

A porta foi aberta. O pai deu-lhe uma notícia de iluminar o rosto.

– Um amigo especial, trate-o com respeito e carinho.

Dois distantes anos guardavam as mesmas palavras. Gean viera buscá-la como o prometido. Não, fora um engano.

Quem ali apareceu era um velho, grandão e asqueroso. Suspirando, Laura seguiu para a cama, obedecendo a conhecida rotina.

De repente, toda sua reserva esperançosa esgotou-se. Deitada, imóvel, aguentando uma muralha corpulenta sobre si, os olhos apagaram.

– O que há com você? Faça seu trabalho direito.

Ela o lançou um semblante frio, nada mais importava.

Revoltado, o homem estapeou-lhe a face, resultando marcas vermelhas. Nenhuma reação. Mais bofetões, nenhum protesto. Finalmente a paciência expirou, agarrou o pescoço de Laura e o comprimiu.

Lembrando que uma das irmãs — sabendo agora não tratar de irmã alguma — morrera similar ao que viria, Laura sorriu todo o escárnio nunca utilizado. Não havia mais o que lhe ser tirado e viver não fazia diferença.

O pai invadiu quarto a dentro, esbravejando o tempo extrapolado. Deparado com a cena, puxou e expulsou o cliente.

Com um surpreso brilho enfeitando as orbes, Laura iria agradecer, porém, recebeu um novo tabefe.

– Você é burra? Veja o que me fez fazer, aquele era o xerife, pode ser que por sua culpa fechemos o negócio

– Por que está falando assim comigo, papai?

– E pare com essa história de papai! Eu nem sou seu pai de verdade — declarou desdenhoso

O choque obrigou Laura tatear o chão a procura do urso, enquanto flashes de memória do dia naquele parquinho, na infância, esfolavam-na como chibatas:

“ Minha filha, finalmente a encontrei, a levaram para longe de mim, mas eu sou seu verdadeiro Papai. Para provar, vou comprar todos os presentes que quiser”

Ele a enganou.

– Por que fez isso tudo? — lágrimas rolavam em filetes esguios pelos hematomas ainda visíveis

– Em parte por diversão, mas, também porque sua mãe me devia muito dinheiro — gargalhou

– Minha mãe?

– A vagabunda trabalhou por anos nesse buraco — falava entre os dentes amarelos, uma carranca sombria — ela gostava, e muito, até que um dia apareceu aqui um sujeito todo engomadinho, cliente dela, querendo a levar embora e disposto a pagar pela liberdade da sua mãe. Na época eu não recusaria dinheiro fácil e fechamos o acordo. Uns quatro anos depois, o desgraçado resolveu morrer! Mas, ah, a dívida dele continuou viva. Por isso, querida, considere a você mesma como uma quitação de dívida.

– Você é um monstro! — soluçou trêmula

– Cale a boca! Sabe, é engraçado como as coisas são. Há uns anos, um rapaz filho de um falecido empresário local voltou aqui com uma proposta parecida com a do seu pai. Mas, eu não volto, não, não volto a cometer o mesmo erro duas vezes, devo admitir que você é valiosa aqui dentro

– O Gean esteve aqui? — arriscou seu último lampejo de expectativa

– O Gean este aqui? — debochou com as mãos nas ancas — Esteve! Muitas vezes, aliás. Ele ultrapassou os limites da minha boa vontade

– O que fez com ele?

– Se quiser mesmo saber, vá ao jardim. Espere, você não pode sair! — concluiu dando as costas para a porta

O jardim. Laura recordava das poucas vezes que pusera os pés nele, quando duas de suas irmãs faleceram. Era um cemitério. E Gean jazia lá, morto. Ela se tratava do pagamento de uma dívida que não a dizia respeito.

O mundo jamais se apresentou á Laura e dele ela nada sabia, muito porém soubesse que o rumo tomado por seu destino não fosse certo.

Seu rosto molhado inchou e ardia como uma queimadura. Sentia nojo de si, da cama e estranhamente do urso de pelúcia. O inferno a habitava.

Um ligeiro brilho atraiu sua atenção para uma das extremidades do leito. Tudo ocorrera rápido, ao ponto do cherife não ter tempo de vestir as calças. Curiosa, Laura conferiu a peça e dela dependeu um objeto composto por cano e gatilho. Uma arma.

Vira muitas devido os policiais que a visitavam como clientes, entretanto, nunca soube sua função.

Mirando o chão, pressionou o gatilho e, do ponto de vista infante, uma bola de fogo cuspidada fez um buraco em pleno assoalho.

Atônita, piscou diversas vezes, para logo deixar que um sorriso de boneco de ventríloquo tomasse conta do que antes era um delicado semblante de garotinha.

Apontou a arma para a fechadura, uma nova bola de fogo explodiu a estrutura e arrombou a porta. Terna felicidade invadia o corpo de Laura. Ela caminhou rumo onde sabia ser o escritório do pai nojento, o qual mostrou-se surpreso com a aparição e chocado diante a pistola.

– Querida, calma

– Onde estão as chaves dos quartos. Diga e eu não o farei mal

Foi atirado aos pés da garota um pesado molho de chaves enferrujadas, pelo qual agradeceu com um olhar cúmplice e zombeteiro.

– Você mentiu demais para mim

– Eu sei — tremia — mas, escute, eu criei você é amo você, sim, amo sim é você me ama, não é mesmo?

– Amei, amei uma ilusão de criança. Mas, você, eu prefiro morto — a última frase Dante um estouro. Sangue jorrou do crânio de olhos esbugalhados

Uma por vez, as trancas dos outros quartos foram liberadas. Laura incumbiu o molho nas mãos de uma irmã incrédula com todo o ocorrido e que não cessava o choro, abraçou-a e a mandou terminar o serviço. Em breve, todas as garotas se viram libertas.

Ainda empunhando a pistola, saiu apenas quando todas abandonaram o umbral sombrio onde por uma eternidade foram confinadas.

No jardim, inúmeras sepulturas dispostas, marcadas com os nomes das donas, a maioria morta anos ou décadas antecedentes o nascimento da garota. Somente uma possuía alcunha masculina, infame cortesia do velho porco.

Chorosa, Laura deitou no gramado, respirou e obteve um quase sucesso em lembrar o perfume de Gean. Encaminhou a arma para os lábios. Por seu pai e mãe, o porco morrerá. Um último soluço. Ao lado de Gean, Laura desejava estar. Um pressionar de gatilho.

Barb. Fratis nasceu em São Paulo, cursa psicologia e escreve contos de suspense. Foi publicada pelas editoras *Academia Alquimia das Letras* e *Editora Andross*. Mantém o blog *Resenha maldita*. Annabarbara2012@hotmail.com